

Construção do lugar geográfico de alunos com transtorno do espectro autismo em instituições públicas de ensino: contribuições da psicanálise

Construction of the geographical place of Students with autism spectrum disorder in the Public Education Institutions: contributions of psychoanalysis

Leandro Buzzo Mourão Guimarães

Graduando em Geografia
Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP
Campus de Presidente Prudente

Tagiane Maria da Rocha Luz

Doutora em Psicologia Educacional
Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP
Campus de Presidente Prudente

Resumo: Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma doença que apresenta perturbações no desenvolvimento neurológico, tendo como principais características anormais a falta de comunicação social e déficits de comportamentos, que são fixos e/ou repetitivos, tornando-se visíveis em crianças geralmente aos dois anos de idade. Tendo em vista essas características, o presente texto visa contribuir, do ponto de vista da geografia da saúde, para a discussão a respeito da inclusão escolar de crianças com TEA e a respectiva promoção da saúde nas escolas municipais, de Presidente Prudente. Soma-se a este artigo as contribuições da psicanálise de D. W. Winnicott para o delineamento psíquico desses indivíduos a partir de estudos sobre o conceito de *Placement*. Do ponto de vista da iniciação científica, torna-se fundamental a formação de estudantes de geografia interessados no tema, o que envolve o aprendizado de conceitos de geografia humana.

Palavras-chave: Lugar, Promoção da Saúde, Inclusão Escolar e Transtorno do Espectro Autista, *Placement*.

Abstract: Autism Spectrum Disorder (ASD) is a disease with neurodevelopment disorders and the main characteristics abnormal lack of social communication and repetitive behaviors or fixed deficits, usually affecting children at two years of age. Thereby, the project aims to contribute from the point of view of Geography of health, for the discussion of escolar inclusion and health promotion in primary schools in Presidente Prudente (Brazil). Added to this article psychoanalysis contributions D.W. Winnicott to the psychological delineation of these individuals with the concept of placement. From the point of view of scientific research, it is essential to formation of the undergraduate student interested in the topic, which involves learning concepts of Human geography, especially the Geography of health, as well as procedures, analyses about the place and dialogue with other area, like psychoanalysis.

Keywords: Place, Health Promotion, Escolar Inclusion and Autism Spectrum Disorder and Placement.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é decorrente de uma pesquisa de iniciação científica que se propõe a realizar uma análise geográfica sobre a escola enquanto lugar social de pessoas com Transtorno do Espectro Autismo. Neste texto, discute-se possíveis contribuições da teoria psicanalítica de D. W. Winnicott ao objeto de pesquisa.

Prosseguimos nossa discussão com a descrição do manual diagnóstico e estatístico de transtorno mental (DSM-V), no qual se reconhece o Transtorno do Espectro Autismo (TEA) como uma doença decorrente de perturbações no desenvolvimento neurológico, tais perturbações ocasionam traços psíquicos anormais marcantes que incidem negativamente em dois âmbitos da vida social dos sujeitos, sendo eles: a comunicação social e os déficits de comportamentos fixos ou repetitivos (DSM-5, 2013).

Atualmente, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), estima-se que o Transtorno do Espectro Autismo afete cerca de 70 milhões de pessoas, mobilizando pais de todo o mundo a fundarem e manterem organizações não governamentais (ONGs) a fim de oferecerem melhores condições de vida às crianças e, além disso, suscitar discussões que impulsionem/pressionem o poder público a discutir e cuidar melhor do tema, uma vez que este é constantemente negligenciado em decorrência de o tratamento ser oneroso aos cofres públicos uma vez que exige uma gama de especialistas, como fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, psiquiatras e fisioterapeutas.

No Brasil, o quadro apresenta-se de forma semelhante ao restante do mundo, ou seja, a preocupação com as pessoas com TEA é ainda incipiente. Guimarães e Guimarães (2015) mostram os números de instituições e indivíduos que são atendidos com TEA no território brasileiro, cerca de 110 instituições para assistir 3.280 sujeitos com a doença frente a uma estimativa de, aproximadamente, um milhão de casos, conforme dados do Projeto Autismo do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas, da Universidade de São Paulo – USP, de 2007, quando o país tinha cerca de 190 milhões de habitantes.

Com base nesta estimativa é possível dissertar sobre uma visão conjuntural do referido problema no território nacional, uma vez que não há dados estatísticos sistematizadas a respeito da doença (PAIVA, 2010). Sabemos que a assistência nessas instituições, apesar de representar não raras vezes o único apoio às crianças

e jovens com TEA, é ainda insuficiente para se compreender a temática além do modelo normativo e prescritivo de controle biomédico dos indivíduos.

Para tanto, defendemos que o referencial construído a partir de estudos de um lugar social que seja empático à promoção da saúde contribui significativamente para o desenvolvimento humano dos alunos autistas. Considerando-se que a saúde é produzida socialmente é fundamental que a busca de como se promover a saúde incida justamente nos fatores sociais que determinam e exacerbam os sintomas patológicos, superando dessa forma práticas biomédicas (GUIMARÃES, PICKENHAYN e LIMA, 2014).

A escala geográfica *lugar* enquanto uma instituição escolar, que habilite esses sujeitos a uma sociedade que é complexa, divergente e permeada de diferenças, exige tal preocupação. A complexidade do tema adentra o espaço das instituições de ensino porque estas se apresentam como locais de interação social, propício a constituir-se como um campo de pesquisa que desenvolva estudos éticos, com base nos quais pesquisadores sejam estimulados a pensar e analisar, diante das diversas situações que ocorrem no interior e no exterior da escola, a real complexidade do problema (BRITO, 2013).

Para maior embasamento do presente trabalho, exploramos a perspectiva do pediatra e psicanalista D. W. Winnicott, procurando expandir a compreensão do autismo através da articulação de conceitos que teorizam a respeito do espaço psíquico e de conceitos que problematizam os espaços físicos. Tal articulação busca, por um lado, aprofundar-se no entendimento do lugar social ocupado pelas crianças e jovens com TEA e, por outro, consiste em um empenho no intuito de sistematizar as características do lugar ideal.

Com base no pensamento de Winnicott é possível refletir sobre: 1. As condições ambientais que podem produzir a doença; 2. A dinâmica psíquica do autista, em oposição às explicações que têm como base de compreensão um corpo anátomo-biológico e; 3. Intervenções, a partir dos relacionamentos humanos, que sejam empáticas ao desenvolvimento global do autista. De acordo com Vollkmar et al (2014) apesar dos avanços de pesquisas em estudos genéticos e do sistema neural de pessoas diagnosticadas com a doença, o TEA é um desafio às ciências, permanecendo um mistério a sua etiologia e a sua evolução.

As dificuldades de compreender e tratar o problema até aqui apresentado diz respeito a uma realidade que tem exigido a articulação de diferentes pesquisas

científicas dedicadas à saúde, de modo a compreender as problemáticas sociais, culturais, econômicas e políticas que influenciam de maneira decisiva na progressão e regressão desses sujeitos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise dos referenciais científicos sobre TEA aqui apresentados torna perceptível a necessidade de se trabalhar com a escala geográfica lugar. Segundo TUAN (1979), a escala geográfica lugar não é só um fator a ser explicado na estrutura do espaço, é a realidade a ser esclarecida sob as perspectivas das pessoas que lhe dão significado, os lugares são produzidos pela consciência humana e por sua relação intersubjetiva com as coisas e com os outros.

Desse modo, podemos perceber que a escala geográfica lugar é a que melhor se enquadra na busca de entendimento do autismo, uma vez que permite pensar sobre relações sociais no ambiente escolar que tenham potencial de promover o bem estar destas crianças.

Alves (2015) ressalta ainda que o lugar do corpo marca fronteira entre o “eu” e o “outro” no sentido físico, social e psíquico, fazendo conexões que expõem os detalhes do cotidiano social individual. Para tanto, não se pode entender a doença de forma anátomo-biológica, faz-se necessário estudos sobre como e onde vivem, em outras palavras, qual o seu contexto geográfico. Tal lacuna no que se refere à vida social das crianças com TEA, ocasiona empecilhos à sua inclusão social, mobilizando a preocupação com a inclusão escolar desses sujeitos e a respectiva promoção da saúde neste espaço (ALVES, 2015).

Utiliza-se o conceito metodológico de escala geográfica lugar de modo a não somente realizar análises sobre o corpo dito como *normal* para com o espaço, mas também dos corpos sentidos como *diferentes* e, assim, desvelar quais as características desse espaço específico que tem o potencial de promover e/ou impulsionar o desenvolvimento saudável da criança autista.

Ainda nesse contexto, Guimarães, Pickenhayn e Lima (2014) afirmam que a ideia de lugar como escala de abordagem é a mais importante para a saúde coletiva e para intervenções multisetoriais, na perspectiva da promoção da saúde. Diante disto, consideramos a escola como um importante lugar para o desenvolvimento emocional, cognitivo, físico e social, pois o ambiente escolar é o

único lugar disposto a maioria da população, pois como já supracitado não há ONGs e instituições para toda a gama de TEAs existentes no Brasil.

Entretanto, devemos perceber que a escola, cujo papel é fundamental para o desenvolvimento do autista, pode se tornar também um lugar de exclusão e hostilidade a estes alunos. Atualmente, o que se predomina na escola é a contenção e repressão dos diferentes ao invés de se estabelecer contexto geográfico e social que possibilite saber o porquê determinado indivíduo está apresentando determinadas atitudes. Maria Abadia da Silva (2009), em discussão sobre as políticas públicas, afirma que

[...] ao priorizar os critérios econômicos para atribuir qualidade à educação, os governos e gestores desconsideram os limites e as imperfeições geradas pelo mercado e sua incapacidade para corrigir questões sociais, que costumam se agravar quando deixadas à mercê dos interesses do capital financeiro e de empresários. A qualidade social na educação não se restringe a fórmulas matemáticas, tampouco a resultados estabelecidos a priori a medidas lineares descontextualizadas (SILVA, 2009 p. 223).

Um olhar crítico direcionado para a trajetória da sociedade brasileira revela a distância entre classes sociais, em decorrência de concepções políticas e de medidas econômicas que privilegiam poucos ocasionando um processo de alargamento constante de vulnerabilidade à exclusão social aos indivíduos. Foram séculos de omissão e de ocultamento das demandas da sociedade, sendo as manifestações em forma de queixa da população, muitas vezes, tratadas como caso de polícia e de desordem pública. No Brasil, ainda que estas manifestações ocorressem desde o tempo das províncias, o desejo dos trabalhadores por uma educação de qualidade foi atendido por meio de escolas precárias e insuficientes para a magnitude e a expectativa da demanda (SILVA, 2009).

No interior da escola, outros elementos sinalizam a qualidade social da educação, entre eles, a organização do trabalho pedagógico e gestão da escola; os projetos escolares; as formas de interlocução da escola com as famílias; o ambiente saudável; a política de inclusão efetiva; o respeito às diferenças e o diálogo como premissa básica; o trabalho colaborativo e as práticas efetivas de funcionamento dos colegiados e/ou dos conselhos escolares. Tais elementos envolvem invariavelmente o estabelecimento de vínculos e relações humanas. Devido a estes fatos, discute-se neste trabalho possíveis contribuições do conceito '*placement*' do psicanalista inglês

D. W. Winnicott no trabalho de construção do lugar geográfico social do aluno com TEA em instituições escolares.

Segundo Safrá (2006), a palavra *place* significa lugar, em psicanálise implica em uma dimensão para o desenvolvimento emocional saudável, para a integração do si-mesmo. O *placement* possibilita aprofundar-se na ideia de lugar social.

De acordo com Winnicott (1983), o início do desenvolvimento emocional é marcado pela dependência absoluta ou dupla dependência (WINNICOTT, 1983). A dependência em relação ao ambiente é pensada em três categorias: dependência absoluta, dependência relativa e rumo à independência. Winnicott (1983) defende que o bebê só se torna uma pessoa que se relaciona com o seu corpo e com o mundo através de uma sustentação ambiental, ou seja, em meio ao acolhimento de alguém que cuide dele, primordialmente, no início da vida.

Desse modo, a saúde mental dos indivíduos é construída desde o início em decorrência do cuidado materno, uma vez que este facilite os processos de maturação. Em outros termos, um ambiente em que os processos evolutivos e as interações naturais do bebê com o meio podem se desenvolver de acordo com o padrão natural saudável, Winnicott (1983) explica que este é o ambiente criado pela mãe suficientemente boa¹.

Podemos perceber dessa forma que a mãe é a primeira referência para a construção de uma psique, porque vai ser essa sustentação ambiental o primeiro lugar social do ser humano. Essa relação mãe-bebê tem que ser feita a partir de um cuidado materno satisfatório, implicando em relações emocionais arcaicas. Nesse período, a teoria winnicottiana presume que o lactante é como se estivesse fundido com a mãe, esse estudo está especificamente dedicado às provisões às necessidades físicas e emocionais dos recém-nascidos, sendo estas de sustentação (*holding*), manejo/manipulação (*handling*) e apresentação de objeto (WINNICOTT, 1988).

O desenvolvimento do lactante, nos primeiros meses de vida que compreende a fase de *Holding* transforma o ego não integrado em uma integração estruturada. Nesse estágio, o lactante retém a capacidade de reexperimentar estados não-integrados (estados de repouso), mas a mãe tem que saber auxiliar seu filho para ajudá-lo a lidar com o estado psíquico próprio da condição de

¹ A mãe devotada comum.

integração, tornando o lactante uma perfeita integração psicossomática, desse modo, o lactante vem a ter um exterior e um interior - cuja fronteira delimitadora é a própria pele - e um esquema corporal (WINNICOTT, 1988).

A partir destes desenvolvimentos, quando tudo vai bem, o bebê passa a construir um *self* verdadeiro (a criança vai se tornando criativa e se sentindo real) podendo este *self* ser considerado como um potencial herdado para a experimentação da continuidade da existência, do sentimento de ser, enquanto vai adquirindo à sua maneira e em seu passo uma realidade psíquica pessoal e um corpo, um lugar para o seu *self* (si-mesmo). Cabe-nos salientar que se pode considerar o isolamento desse *self* central como uma característica de saúde (WINNICOTT, 1983).

Qualquer falha e/ou ameaça a esse *self* verdadeiro podem ocasionar agravamentos no desenvolvimento, ocasionados por excessivas falhas no *holding*, tais falhas em demasia constituem intrusões ambientais, as quais causam o esfacelamento do sentimento de continuar-a-ser. Em lugar do sentimento de continuar-a-ser, o bebê vivencia angustias impensáveis, que mobilizam o sentimento de ainda não estar vivo/integrado. . Quando isso acontece se forma o falso *self* e quando este se torna cristalizado, implanta-se como a verdade do si-mesmo e é isso que os observadores tendem a pensar que é o indivíduo real. Nessas condições, o verdadeiro *self* permanece oculto. Esse último estágio, de extrema ocultação do verdadeiro *self* tende a formação de crianças com Transtorno do Espectro Autismo. Segundo Winnicott (2006),

[...] a criança produz uma organização defensiva, no sentido de adquirir uma invulnerabilidade diante da ameaça de voltar a ser tomada por uma agonia anteriormente sentida, devido a uma invasão ou falha na fase de extrema dependência do início de sua vida. Sem a defesa, a criança se vê diante de uma quebra da organização mental da ordem da desintegração, despersonalização, queda para sempre e perda do sentido do real e da capacidade de se relacionar com os objetos (WINNICOTT, 1983, 131).

Quando há o ocultamento do verdadeiro *self* se verifica pouca capacidade para o uso de símbolos e uma pobreza de vida cultural, observa-se nessas crianças uma extrema inquietação e incapacidade de se concentrar, de modo que a vida toda do indivíduo pode ficar cheia de reações a essas ilusões. Sendo assim, para Winnicott (1982, 1983, 1990), os fatores que afetam a saúde mental e promovem problemas na vida humana, estão relacionadas a

experiências vinculares e relacionais do ser humano e no seu confronto com o ambiente (mãe/figuras maternas) durante o percurso de amadurecimento pessoal.

Segundo Alvarez (1994), referência no estudo clínico sobre autismo, a etiologia do TEA localiza-se em uma falha no processo de constituição do sujeito, relacionados com alguns entraves no exercício da função materna e paterna nos últimos meses de gestação e primeiros dias de vida pós-uterina do bebê. Ou seja, o autismo surge “*pela ausência de um lugar ético significativo que possibilite a constituição de si mesmo, ou pela solidão absoluta decorrente da ausência do rosto do Outro*” (SAFRA, 2006, p.13). Alvarez (1994) destaca no livro *Companhia Viva* um relato sobre um garoto autista acompanhado por ela, chamado pela mesma de Robbie.

Robbie não vivenciava uma sensação ou perda de alguma coisa ou alguém, nem sentia sendo deixado em algum lugar onde não desejava estar. Ao contrário, ele sentia-se deixado em lugar nenhum, ele não perdera alguém, ou alguma coisa com a separação. Ele perderá tudo, incluindo ele próprio. Esse estado de lugar nenhum significava que o mundo, um possível mundo de figuras humanas, aquele que a parte não psicótica que nos habita, e que nos sustenta durante os períodos de solidão desaparecera. Uma vez que descreveu seu mundo como uma rede esburacada (ALVAREZ, 1994, p.31).

Considerando a possibilidade de que a escola seja um meio de desenvolvimento para essas crianças, ajudando-as a encontrar o seu lugar no mundo, de modo que esta possa contribuir para seu desenvolvimento no campo material, social e psíquico, empenhamo-nos no trabalho de delineamento de um lugar social especificamente nesta instituição, um lugar que consiga resgatar esses indivíduos do ‘**não lugar**’, tão perigoso para o aluno autista.

Tais crianças necessitam de um “ambiente adaptado às necessidades especiais da criança, sem as quais não se estabelecem os fundamentos da saúde mental” (SAFRA,1983, p. 17) ou ainda o *holding* significativo às crianças com carregam os efeitos severos dos traumas vividos em momentos cruciais de seus processos de maturação. Em outras palavras, um lugar, que signifique *placement*, em que a criança possa constituir psicicamente o seu lugar no mundo, uma conquista que implica a integração psicossomática, ou seja, o sentimento de existência e funcionamento do próprio corpo e que depende, no desenvolvimento

emocional arcaico, primordialmente do manejo e manipulação adequados do corpo do bebê pela mãe ou figura materna.

No *placement*, a estabilidade do lar originário pode ser usada de tal maneira que o *placement* possibilita que a experiência de estabilidade do lar originário possa se ampliar, possibilitando ao indivíduo o estabelecimento da ideia de lar de maneira mais consistente (SAFRA, 2006, p. 18).

Quando a sustentação, o manejo e a apresentação de objeto não foram suficientes no ambiente familiar, a escola apresenta-se como um espaço social e pode constituir-se como um lugar que representa uma nova chance para o desenvolvimento do verdadeiro *self*, uma vez que se organize enquanto um ambiente suficientemente bom.

São características essenciais do lugar que é *placement*:

1. O aluno autista encontrar pessoas que se preocupe em acolher psicologicamente as necessidades de seu físico de modo suficientemente bom.

2. É fundamental que os vínculos sejam fundados com base no reconhecimento e na capacidade do elo mais independente do par de lidar com a ambivalência (amor e ódio pelo mesmo objeto) invariavelmente presente nos relacionamentos humanos. Neste sentido, é imprescindível que

[...] o indivíduo possa encontrar alguém para amar e odiar. Amar e odiar a mesma pessoa. Essa é uma experiência fundamental para que a pessoa possa alcançar a possibilidade de viver a culpa e a restituição, para atingir a experiência de *concern* (preocupação)(SAFRA, 2006, p.16);

A experiência de *concern*, ou seja, a experiência de ter agido de modo agressivo com o 'outro' e de ter sentido a **sobrevivência** do outro a despeito da manifestação agressiva, permite que o sujeito (elo mais dependente do par) tenha espaço e tempo para odiar, agredir, preocupar-se com os efeitos de seus gestos no mundo interno do outro, sentir culpa e desejar reparar o mal causado efetivamente ou em fantasia.

3. Que as pessoas possam demonstrar capacidade de sobreviver sem retaliar às manifestações de agressividade sem risco de rompimento dos vínculos. Em um ambiente suficientemente bom, em decorrência da própria natureza humana, uma vez que o objeto alvo do ataque agressivo sobreviva sem retaliar, os sentimentos hostis transformam-se em sentimentos de preocupação e reparação,

ocasionando amadurecimento emocional para lidar com os componentes agressivos pessoais. E, por fim:

4. Ter o cuidado de figuras maternas e paternas que possam se responsabilizar pelo aluno.

Devemos estar cientes também de que todas as crianças de uma escola, de um modo ou de outro, são crianças que necessitam de assistência maior ou em menor grau, por isso, os professores assumem um papel importante através de seus ensinamentos, além de conversas com as mães ou responsável pela criança (WINNICOTT, 1982).

É necessária a consciência de que a escola possui funções importantes e óbvias, dentre elas, a de ser uma atmosfera que não é tão densamente carregada quanto o lar e que atua como promotora de maiores relações sociais com outras crianças, possibilitando o convívio com o diferente.

CONCLUSÃO

Cabe-nos ressaltar que em decorrência de a etiologia do TEA não ser claramente conhecida, o estudo deste tema seja analisado por várias áreas do conhecimento, dentre elas a neurologia. Neste trabalho, foi abordado o conceito de *placement*, ou seja, um lugar de acolhimento (tanto físico quanto psíquico) um lugar no qual pessoas com TEA possam se desenvolver.

Os conceitos abordados destacam a escola como um espaço potencial para o desenvolvimento do autista, que o acolhimento é fundamental para que o desenvolvimento intelectual ocorra. Quando este acolhimento não é possível no ambiente familiar, a escola pode assumir esse papel e desempenhá-lo suficientemente bem.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, A. **Companhia viva: Psicoterapia Psicanalítica com crianças autistas, borderline, carentes e maltratadas**. Porto Alegre: Artes médicas Sul, 1994.

ALVES, N. C. **O outro na cidade: deficiência, acessibilidade e saúde em Presidente Prudente - SP**. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Ciência e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente. 2015.

Centers for Disease Control and Prevention (CDC). 2010. **Prevalence of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years: Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network Surveillance Year 2010 Principal Investigators**. Disponível em <http://www.cdc.gov/mmwr/preview/mmwrhtml/ss6302a1.htm?s_cid=ss6302a1_w>. Acesso em 14 de agosto de 2015.

GUIMARÃES, R. B; PICKENHAYN, J.A, LIMA, S do C. Espaço e saúde. In _____. **Geografia e saúde sem fronteiras**. Uberlândia (MG): Assis Editora, ano 2014. p.18.

GUIMARÃES, R.B; GUIMARÃES, L.B.M. **Alunos com necessidades especiais: Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a saúde na escola brasileira**. IV Simpósio de Geografia da saúde. Brasília-DF, 2015.

PAIVA, J. **Revista Autismo**, 2010. Disponível em <<http://www.paivajunior.com.br/tag/revista-autismo/>>. Acesso em 01 de Maio de 2015.

SILVA, M. A. **A qualidade social da educação pública**. 2008. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v29n78/v29n78a05.pdf>>. Acesso em 20 de Agosto de 2015.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

VOLKMAR, F. et al, 2014. **Practice Parameter for the assessment and treatment of children and adolescents with autism spectrum disorder**. Disponível em <<http://autismoerealidade.org/wp-content/uploads/2014/02/Artigo-Dr-Fred-Volkmar.pdf>>. Acesso em 12 de maio de 2015.

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.

_____. **Natureza humana**. Rio de Janeiro, Imago, 1990

_____. **A criança e seu mundo**. Rio de Janeiro, LTC, 1982.